ESTUDO DOS EFEITOS DE LONGO PRAZO DE BULLYING EM JOVENS VÍTIMAS: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

STUDY OF THE LONG TERM EFFECTS OF BULLYING IN YOUNG VICTIMS: A ANALYTICAL PSYCHOLOGY PERSPECTIVE

DOI: <https://doi.org/10.22388/2525-5894.2018.0068>

Ana Bárbara Naccarati de Mello - Aluna do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, anabarbara.mello@gmail.com.

Ivelise Fortim - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ifcampos@pucsp.br

Dados parciais do trabalho de conclusão de curso - graduação em psicologia na Universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resumo: A pesquisa realizada buscou fazer uma análise de relatos de jovens adultos vítimas de bullying na adolescência e tentou traçar como tal influenciou em suas vidas. As consequências do bullying podem ser divididas em curto e longo prazo (WOLKE, LEREYA 2015). Assim, através de entrevistas reflexivas foi possível compreender e analisar quais consequências a longo prazo a pessoa atribui ao bullying sofrido. Tratou-se de uma investigação qualitativa e a estratégia metodológica adotada foi a reflexão analítica sobre os relatos.

Palavras-chave: Bullying; adolescência; jovens adultos; psicologia analítica; efeitos.

Abstract

The research conducted sought to analyze the content of interviews of young adults that were bullying victims in their adolescence and try to trace how it influenced their lives. The consequences of bullying can be divided in short and long term (WOLKE, LEREYA 2015). Thus, through reflective interviews it was possible to understand and analyze what long term consequences these people attribute to the bullying suffered. This research was a qualitative investigation and the methodological strategy adopted was the analytical reflection upon the reports.

Key-words: Bullying, adolescence, young adults, analytical psychology, effects of bullying

INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário Michaelis (2016), 'bullying¹' significa, Ato agressivo sistemático, envolvendo ameaça, intimidação ou coerção, praticado contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Ocorre geralmente em escolas, porém pode ser praticado em qualquer outro local. Trata-se de ação verbal que pode, em situações extremas, evoluir para agressão física. De acordo com Wolke e Lereya (2015) O bullying é um dos tipos de violência mais frequente na infância, sendo até maior que abuso de pais e outros adultos.

A agressão de acordo com Zequinão, Medeiros e Pereira et al (2016), pode ser de forma direta (física ou verbal) ou indireta. As agressões físicas diretas envolvem qualquer forma de machucar a vítima, como por exemplo, tapas, arranhões, empurrões além de roubo ou estrago de objetos. Submissão da vítima a trabalhos servis também é uma forma de agressão. As agressões verbais diretas ocorrem por meio de insultos, provocações, ameaças e comentários humilhantes. As duas formas de agressão podem ocorrer de forma individual ou em grupo (ZEQUINÃO, MEDEIROS E PEREIRA et al 2016).

Segundo Wolke e Lereya (2015) crianças que foram vítimas de bullying foram constantemente encontradas em maior risco de problemas somáticos como, resfriados, ou problemas psicossomáticos, como por exemplo, dor de cabeça, estômago ou problemas para dormir. Elas também são mais propensas a começar a fumar. Também foi relatado que as vítimas podem mais frequentemente desenvolver problemas de internalização e transtorno de ansiedade ou transtorno de depressão. Pesquisas foram feitas com gêmeos monozigóticos, que são geneticamente idênticos e que vivem nas mesmas famílias, entretanto eram dessemelhantes para experiências de bullying. Percebeu-se que os problemas de internalização aumentaram ao longo do tempo apenas naqueles que foram intimidados fornecendo fortes evidências que o bullying em vez de outros fatores explica o aumento dos problemas de internalização.

O bullying causa dor e angústia e como já citado pode causar queda de rendimento em vários contextos. Além disso, pode levar a pessoa a ter doenças psicossomáticas. Outro tipo de bullying que existe é o Cyberbullying que tem como prática a humilhação, exclusão, discriminação no mundo virtual (BOTTINO 2015).

Foi encontrado, particularmente em diagnósticos de transtorno de ansiedade e depressão na idade adulta jovem e na idade adulta média (18-50 anos de idade) que pessoas que foram vítimas de bullying quando crianças tem maior risco de internalizar problemas (WOLKE, LEREYA 2015). Além disso, as vítimas estavam em maior risco de exibir experiências psicóticas aos 18 anos e ter ideias suicidas e tentativas de suicídios.

O bullying de acordo com Sampaio (2015) é considerado um problema de saúde pública, pois ser exposta a esse tipo de violência escolar provoca respostas emocionais, que podem provocar comportamentos de luta ou fuga, e isso interfere negativamente na saúde além de interferir nos processos de aprendizagem e socialização.

Complexo do Bode expiatório

Quando pensamos nas vítimas de bullying, a vivência delas parece assemelhar ao complexo do bode expiatório. A psique é considerada um conjunto de complexos, isto é, um conjunto de ideias ou imagens, carregadas de emoção que atua como uma "personalidade autônoma". No centro do complexo existe um arquétipo (YOUNG – EISENDRATH & DAWSON, 2002).

¹ O termo bullying já foi assimilado para o português, por isso não estará em itálico

A origem do termo “Bode expiatório” vem de rituais encontrados em diferentes culturas, onde uma vítima humana, animal, planta ou objeto inanimado era sacrificado para os deuses. Isto ocorria, pois acreditavam que esse objeto poderia ser eliminado, depois de transferirem magicamente para ele o mal. Assim o mal também seria eliminado (PERERA 1991).

O complexo do bode expiatório representa pessoas que são responsabilizadas pelo mal ou por um delito provocado. Perera (1991) também comenta que no mundo ocidental o papel de bode expiatório era designado as minorias que levavam com si valores que eram vistos pela cultura como desqualificados e que preferem manter na sombra.

Para Perera (1991) o mecanismo de negação da sombra está associado com o complexo do bode expiatório. Isso ocorre, pois, esse complexo recebe a projeção da sombra. Essa por sua vez se identifica com características que o outro, por não estar em acordo com seu ego ideal, não aceita em si mesmo. Para se protegerem de possíveis novos ataques, pessoa identificadas com o bode expiatório ficam presos nos sentimentos de incapacidade, rejeição e ficam presos aos ideais coletivos, assim evitando mostrar seus potenciais.

O medo é o sentimento que sempre acompanha a vítima, ela se sente impotente, pois o agente da vitimização tem o poder de causar dor e sofrimento, negar justiça e até causar morte.

No entanto, só porque a vitimização desencadeia tanto medo e uma negatividade tão completa, é possível que nenhuma outra imagem arquetípica constele tanto a necessidade da psique humana de tornar significativo o sofrimento vivido como a figura da vítima. O primeiro lamento de desespero da vítima é "Porque eu? "O horror daquele ato violento que cria a vítima explode num grito que pede significado para a dor, propósito para a angústia. Não pode haver aceitação ou acordo com a própria vitimização sem que a psique constele a vítima sagrada. Podemos ser capazes de tolerar muita dor, muito mais do que jamais mereceremos ou nos julgaremos capazes de suportar. Mas Jung estava certo quando disse que os seres humanos não conseguem suportar uma existência sem sentido. (COWAN, p.145 1994)

A pesquisa pretende pesquisar como jovens adultos vítimas de bullying acreditam que essas práticas afetam suas vidas atualmente e quais são esses efeitos. Pelo método Junguiano se propõem uma investigação subjetiva e individual, acredita-se que esse método seja coerente para a pesquisa que será feita. Na literatura é possível achar várias pesquisas quantitativas sobre o assunto bullying, porém poucas pesquisas no método analítico. Por meio dessa pesquisa procura-se focar no sofrimento subjetivo da vítima por meio da análise Junguiana ao invés de focar em números e quantidade como as maiorias das pesquisas fazem.

MÉTODO

Os participantes tinham de 18 a 26 anos, e relataram terem sofrido bullying no período da infância, pré-adolescência/ adolescência e acreditavam que o bullying tinha afetado suas vidas.

Os sujeitos foram escolhidos através de um questionário online, que foi feito para identificar vítimas de bullying. Ao final do questionário foi perguntado se o participante gostaria de participar de uma entrevista mais aprofundada, para contar sua experiência e os efeitos que o bullying pode ter causado. O questionário foi divulgado na rede social Facebook. Quatro participantes foram entrevistados.

Os critérios usados para escolher os sujeitos foram ter sofrido bullying na adolescência, crença que o bullying afeta sua vida atualmente, ser vítima pura de bullying (não ser vítima/agressor). Os critérios que impediram o sujeito de entrar na pesquisa foram ser vítima/agressor.

Os instrumentos usados foram questionário online e entrevista semi-dirigida. Foi aplicado um questionário online que ficou aproximadamente três semanas disponível e após a coleta de dados, os sujeitos que se disponibilizaram a participar da pesquisa foram convidados. As entrevistas com os participantes que se disponibilizaram a participar foram agendadas posteriormente

O questionário online foi utilizado apenas para convidar os sujeitos a participarem de uma entrevista presencial. O questionário teve algumas perguntas para definir se o participante se enquadrava nas categorias de inclusão dos sujeitos, e perguntava sobre a possibilidade de encontro presencial. Estes dados serão relatados, porém não analisados.

O procedimento de análise de dados da entrevista semi-dirigida foi a de categorias de análise, pela metodologia da análise do discurso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como questão central da pesquisa, foi perguntado quais efeitos os participantes acreditam que o bullying sofrido tem na vida deles hoje em dia. Os entrevistados também contaram como eles foram afetados durante o bullying e foi possível ver que alguns desses efeitos permaneceram durante os anos.

Perfil dos entrevistados

Foram atribuídos nomes fictícios aos participantes.

Fernando - 26 anos: Sofreu bullying por vários anos e por vários motivos, como por exemplo, aparência e notas baixas. Sofreu bullying físico, verbal, indireto e cyberbullying.

Marcela - 26 anos: Sofreu bullying por vários anos, sofreu bullying indireto e direto. Em casa sofria bullying da irmã mais velha e não tinha ajuda dos pais para se proteger da irmã. Na escola sofreu mais bullying dos meninos da sua sala, do que das meninas.

Gustavo - 21 anos: Sofreu bullying físico quando tinha 8 anos e depois sofreu bullying indireto dos 15 aos 18, onde um boato foi contado sobre ele e seus amigos e colegas pararam de querer falar com ele. Assim ele perdeu vários amigos e ficou mais isolado.

Marina -18 anos: Sofreu bullying por vários anos e em escolas diferentes. Sofreu bullying, indireto, verbal, cyberbullying e teve também estrago de objeto.

Exemplo de bullying

Durante a entrevista cada um dos integrantes deu alguns exemplos do bullying que sofria. No geral foi obtido pelo menos um exemplo de cada tipo de bullying.

Em relação ao bullying físico, Gustavo contou, *“...eles chamaram um grupo de amigos deles. Eles fizeram uma rodinha em volta de mim, me empurraram e me bateram aí eu voltei e eu lembro que a mãe dele estava na arquibancada e eu voltei e sentei do lado dela aí ele pegou minha cabeça e bateu contra a arquibancada.”*

Marcela contou que os meninos de sua sala chegavam chamando ela de “nojenta” enquanto as meninas as chamavam às vezes para conversar, mas assim que ela saía usavam o que ela falava para “zoar” ela de alguma maneira. *“você sabe que quando sair de lá, tudo o que você falou não importa se falou hoje o dia está bonito, a pessoa vai usar isso contra você e você vai pagar.”*

Outro exemplo citado por Marcela de um bullying verbal foi quando contou que faziam piadas dela por algo relacionado a outro aluno. *“Eu acho que na sétima série, eu estava no fundo da sala e alguma coisa fedia, naquele lugar e depois de muito tempo, tipo um mês eu descobri que vinha da mochila de um moleque atrás de mim que a mãe dele fazia algum lanche que tinha maionese e fedia aquela porra, era maionese com alguma coisa só que todo mundo falava que era eu e era eu e era eu.”*

A maioria dos exemplos contam experiências de humilhação pública e exclusão. Um exemplo dessa humilhação também é contado por Marcela. Ela fala: *“Era uma apresentação de artes ainda, eu lembro que estava apresentando e o moleque tava gritando que meu peito era caído, ele estava gritando, oh seu peito caído, que feio que não sei o que, só que ele estava gritando eu não estava conseguindo falar, porque ele estava gritando mais alto e o moleque ficou repetindo esse caralho por muito tempo até a professora mandou ele calar a boca.”*

Fernando também contou um caso onde sofreu humilhação, ele conta: *“Na escola e eu era muito envergonhado por tudo que acontecia, e certo dia eu tomei coragem, vi que a menina estava interessada em mim e fui conversar com ela. E dei um beijo nela, filmaram e a escola inteira deu risada da minha cara. Pior, não era só a sala não, foi a escola inteira mesmo e esse vídeo está na internet até hoje e não sei como deletar. Tem vídeo meu tomando pescotapa em algum lugar na internet, também não sei onde tá.”* Esse caso por ter tido um vídeo colocado na internet pode ser considerado também cyberbullying.

Marina, também deu um exemplo de Cyberbullying: *“As pessoas encontraram meu perfil e deixaram bem claro que eu era muito menos do que bem-vinda eu simplesmente não me sentia confortável postando no meu próprio Facebook.”*

Exemplos de serem excluídos pelos colegas que seria um dos tipos do bullying indireto. Alguns dos exemplos dados foram:

Marina: *“cara era uma condição absurda onde eu não conseguia ter 1 amigo na sala e assim eu tinha 11 anos eu tinha acabado de me mudar eu não conhecia ninguém.”* Para Bandeira (2010) ser um novato na escola pode ser uma das razões para sofrer bullying.

“Um dos meninos que mais competia nota comigo, João, cara ele fez questão de no meio do ano desembestou de dar uma festa, fez questão de convidar todo mundo menos a mim, fez questão de falar isso bem abertamente e ele ficava revoltado toda vez que eu tirava uma nota maior que a dele.”

Fernando: *“Eu era bem excluído, bastante, bastante e com quem eu tentava arranjar amizade todo mundo falava “nossa aquela pessoa está andando com o Fernando.”*

Gustavo: *“E assim, eu não sei quais eram as coisas que ela estava dizendo pra grande maioria dos meus amigos. Só sei que basicamente da noite pro dia as pessoas não queriam olhar na minha cara.”* E *“Mas o problema era que assim, eu ainda estava na escola, eu ia para almoçar, e aí eu voltava para escola para ter mais aulas durante a tarde e todo mundo estava em salas diferentes e tal, então se pessoa tinha outra aula, eu só ficava sozinho”.*

Diferente dos outros participantes, Fernando sofreu episódios de bullying mesmo depois de ter saído da escola. *“A importantíssimo, dos 22 aos 23 anos, não 21 aos 23 depois de voltar dos Estados Unidos, passavam de madrugada, depois de estarem bêbados, jogando ovos na minha casa, isso aconteceu 4 vezes.”*

Marcela conta que sofria bullying por ser uma criança esquisita. Marina conta, que também não se encaixava no “padrão” aceitável, *“Eu sou uma pessoa de baixa estatura eu sou uma pessoa, um tanto acima do peso, tenho consciência disso e as pessoas gostavam muito de fazer questão de mencionar isso várias vezes, as pessoas gostavam de fazer piada sobre a minha idade, porque afinal, você é só uma criança, nunca é legal a gente ouvir isso, até hoje.”* Fernando também sofria bullying por causa da sua aparência, *“...Zoações na época que eu tinha espinhas, época que eu era o mais magro da sala, que eu não ficava com ninguém e isso mexeu tanto com a minha cabeça que eu acabei não focando tanto nos estudos que até isso acabou virando motivo de gozação.”*

Essa gozação em relação aparência foi apontada por Oliveira (2015) Como citado anteriormente, como uma falta de tolerância às diferenças e diversidades, por ter um padrão valorizado e estabelecido pela sociedade.

Fernando: *“Eu era bem excluído, bastante, bastante e com quem eu tentava arranjar amizade todo mundo falava “nossa aquela pessoa está andando com o Fernando”.*

Gustavo: *“E assim, eu não sei quais eram as coisas que ela estava dizendo pra grande maioria dos meus amigos. Só sei que basicamente da noite pro dia as pessoas não queriam olhar na minha cara.”* E *“Mas o problema era que assim, eu ainda estava na escola, eu ia para almoçar, e aí eu voltava para escola para ter mais aulas durante a tarde e todo mundo estava em salas diferentes e tal, então se pessoa tinha outra aula, eu só ficava sozinho”*

Diferente dos outros participantes, Fernando sofreu episódios de bullying mesmo depois de ter saído da escola. *“A importantíssimo, dos 22 aos 23 anos, não 21 aos 23 depois de voltar dos Estados Unidos, passavam de madrugada, depois de estarem bêbados, jogando ovos na minha casa, isso aconteceu 4 vezes.”*

Marcela conta que sofria bullying por ser uma criança esquisita. Marina conta, que também não se encaixava no “padrão” aceitável, *“Eu sou uma pessoa de baixa estatura eu sou uma pessoa, um tanto acima do peso, tenho consciência disso e as pessoas gostavam muito de fazer questão de mencionar isso várias vezes, as pessoas gostavam de fazer piada sobre a minha idade, porque afinal, você é só uma criança, nunca é legal a gente ouvir isso, até hoje.”* Fernando também sofria bullying por causa da sua aparência, *“...Zoações na época que eu tinha espinhas, época que eu era o mais magro da sala, que eu não ficava com ninguém e isso mexeu tanto com a minha cabeça que eu acabei não focando tanto nos estudos que até isso acabou virando motivo de gozação.”*

Essa gozação em relação aparência foi apontada por Oliveira (2015) Como citado anteriormente, como uma falta de tolerância às diferenças e diversidades, por ter um padrão valorizado e estabelecido pela sociedade.

Baixa autoestima e insegurança

A baixa autoestima foi outro ponto relevante que destacou nas falas dos participantes. Foi possível perceber que durante os anos a baixa autoestima presente foi diminuindo, entretanto durou após o fim do bullying e ainda é presente, mesmo se em menor grau.

Quando perguntado se acreditava que o bullying tinha afetado a sua autoestima, Fernando respondeu, *“Auto-estima principalmente. Eu terminei um namoro agora no final do ano, e curioso você me conhecer agora, porque nessa fase agora, pela primeira vez na vida eu estou me sentindo bonito. Eu sempre me senti a pessoa mais feia do mundo, mas demais, demais, demais.”*

Marcela também conta de como tinha uma baixa autoestima em relação a sua aparência, *“Eu lembrei que na minha infância e adolescência eu só andava de cabelo preso, e soltei uma vez e falaram merda, até as pessoas que não falavam merda eu não acreditava. Tipo uma pessoa falando e o uma multidão atrás de mim. Tipo se você está falando a verdade que caralho é aquilo? Ai eu comecei a alisar e comecei a cortar de um jeito que era mais gótico, mas não era.”*

De acordo com Perera (1991) a imagem física da pessoa pode ser afetada de várias maneiras com a típica distorção de percepção. Alguma parte da imagem que é aceitável coletivamente é idealizada. Com isso, essa imagem se torna o foco e objetivo da pessoa, pois por não ter essa imagem aceitável, ali residi sua deficiência.

O bullying não afetou só a autoestima, no sentido da aparência, mas também na imagem que os participantes tinham deles mesmos. Marina diz, *“Afetou muito a imagem que eu tenho de mim mesma porque a imagem que eles tinham de mim não era boa.”* Marina conta que até hoje, sente se insegura em relação a sua imagem como pessoa e que acredita que as pessoas vão acabar não gostando dela. *“Acho que muitas das inseguranças hoje, ainda são muito fundamentadas nas coisas que eu ouvi.”* Ela explica que mesmo sabendo que os melhores amigos dela gostam muito dela, ela fica insegura quando eles demoram para responder alguma coisa no celular. Ela diz *“Cara eu sei racionalmente que eles estão ocupados, estão fazendo alguma coisa, se eles demoram tempo demais para me responder, claramente porque eles não me aguentam mais meu Deus do céu, porque eu sou insuportável eu não consigo me aturar como é que eles vão me aturar? Isso é uma coisa que foi construída, por causa do que eu acabei passando.”*

Marcela conta como desde de pequena tem uma autoestima baixa em função do bullying que começou sofrendo da irmã, *“Então eu não falava com as pessoas eu achava que eu era um lixo e desde criança eu achava que a melhor coisa que eu podia fazer é ficar quieta e isso só foi indo.”* Ela também diz *“Na minha cabeça não existia defesa porque eu nasci assim. Então não tem motivo para me defender.”* Marcela nessa fala, mostra que acreditava que não havia porque se defender, pois ela era daquele jeito e os alunos tinham uma razão para tratarem ela daquela forma. Mais de uma vez ela diz *“Eu era uma criança esquisita.”* Cowan (1994) explica que a vítima introjeta a culpa, que é caso de Marcela e os outros que acreditam que estavam sofrendo por alguma razão, como por exemplo não corresponder ao padrão de beleza imposto pela sociedade.

Em outra fala Marcela conta que mesmo estando melhor, alguns pensamentos ainda perpetuam. Uma de suas falas foram. *“..entrar em um ônibus e me sentir mal porque as pessoas estão olhando para mim e eu tenho medo delas e vou me sentir mal.”* Marcela conta que mesmo quando saiu do ambiente escolar, onde sofria bullying ainda sentia como se pudesse sofrer algum tipo de agressão *“Eu ainda achava que as pessoas da faculdade estariam me olhando do mesmo jeito que as pessoas da escola me olhavam é uma coisa que até hoje olhando na rua eu ainda, é uma coisa que assim, está presente, mas está bem melhor.”* Ela também diz, *“A ideia de coisas boas não podem acontecer comigo e a ideia de que as pessoas vão me odiar muito fácil, são*

ideias que ficaram muito tempo, que foram para relacionamentos, hoje assim, eu posso falar que estou bem melhor.” Sobre relacionamento, Marcela conta fala: “E o segundo, ele era bonzinho e ele era carinhoso, mas ele não tem muito amor para dar, ele tem um nível e na época eu amei, pra um lixo qualquer migalha vale.”

É possível ver também em suas falas como o bullying afetou a sua autoestima em relação a conseguirem realizar coisas, como por exemplo trabalho. Fernando conta, como tem muita dificuldade em concluir seu trabalho e se sentir satisfeito. *“Toda vez que alguém pede para eu fazer algum trabalho para pessoa, eu levo tempo para fazer. E não é que eu queira levar tempo, É porque eu não consigo, eu tenho medo de entregar para pessoa. Eu criei esse medo muito forte, o medo me domina, sempre que é para concluir alguma coisa. Então finalizar é uma coisa que me dá tanto medo, porque eu sinto que foi um reflexo de tudo que eu passei do bullying, porque eu liguei finalizar com conclusão de pensamento (...). E aí eu comecei a ficar com medo de cada vez que eu tentava acabar (uma discussão) eu me machucava mais. (...) Ouvir uma crítica, ouvir um não é uma coisa assustadora para mim.”* Fernando conta que enxerga esse medo de crítica como um reflexo do bullying, onde era constantemente criticado e humilhado.

Esse tipo de pensamento também foi visto nas falas dos outros participantes. Marina diz que é insegura em suas habilidades e diz *“Eu sou movida pela minha ambição. Mas ao mesmo tempo eu tenho completa e total fé que eu não sou competente de fazer o que eu quero fazer. mas se eu não tentar, eu vou me sentir pior.”* e Marcela diz *“Eu sei que ainda tenho problemas em me sentir inútil.”* Ela conta que tem uma voz de condenação dentro dela.

Gustavo conta que na época que sofreu bullying e perdeu quase todos seus amigos, também ficou com depressão e que hoje em dia sente que ainda têm, porém ele sabe lidar com ela. Mesmo depressão, segundo Wolke (2015) ser um dos possíveis efeitos do bullying, não é possível determinar se essa depressão é resultado do bullying ou se ele já tinha um processo depressivo anterior. Gustavo diz: *“Muito do que ficou do sofrimento dessa situação toda era muito interno, eu perdi meus amigos, nunca mais falei com essa menina, teve uma mudança social, mas aí internamente eu acho que tinha muitas coisas mal resolvidas e tudo isso culminou para eu ficar depressivo.”*

Marina também conta que com 12 anos também teve depressão, e mesmo sendo na mesma época que sofria bullying, não se pode afirmar que a depressão foi resultado do bullying.

Esse sentimento de fracasso e de não serem bons suficientes é uma característica dos indivíduos identificados com o complexo do bode expiatório.

De acordo com Perera (1991) os indivíduos identificados com o bode expiatório conseguem perdoar no outro exatamente o que acreditam ser desprezíveis em si mesmos, como pecados e imperfeições. Existe um acusador interno pelo qual eles se sentem julgados segundo os seus modelos condenatórios. Eles se identificam com o fracasso e se sentem deploráveis e culpados, com um sentimento de estarem errado, além de um sentimento de incômodo. Entretanto com o outro, o julga pelo padrão de salvador e redentor e consegue compreendê-los com bastante sentimentalismo.

Se relacionar/ problemas de comunicação:

Foi percebido que por serem isolados, e/ou humilhados, os entrevistados se queixaram de problemas para se relacionar com ou outro e como saber se comunicar. Esses problemas de acordo com alguns participantes, começaram na época do bullying. Fernando explica como bullying afetou seu modo de se comunicar com os outros, *“E por causa disso eu não conseguia ter conversas normais, porque eu não tinha convivência suficiente para ter experiência suficiente para desenvolver uma conversa com as pessoas na época.”* Marcela relata algo parecido, *“eu era a criança que não tinha amigos, que não sabia se relacionar com as outras, era uma criança esquisita, eu era esquisita mesmo.”* Ela conta que não sabia conversar e se

relacionar com as pessoas *“Eu estava tentando ser uma pessoa que eles iam gostar e eu não sabia como fazer isso!”*.

Após o bullying eles contaram que ainda continuaram com esses problemas. Quando foi perguntada como o bullying influenciou a vida dela, ela respondeu, *“Com certeza influenciou muito na maneira que eu penso, em relação a mim mesma especialmente. Por exemplo eu não sou uma pessoa que tendo a me abrir muito as pessoas por causa do que eu sofri.”* Gustavo também relata problemas em se relacionar com as pessoas. *“Eu tenho a sensação que minha habilidade de conversar com as pessoas foi um pouco moldada com base nisso, eu acho que o fato de ter perdido muita amizade eu fico muito com o pé atrás de alguma pessoa ser de verdade minha amiga ou não. Eu sou super desinibido, eu não tenho nenhum problema de me aproximar de alguém e bater um papo com uma pessoa, o problema é que pra eu de fato ficar de fato amigável com alguém e considerar ela minha amiga, é muito custoso. Eu só chegar para alguém aleatório e falar: “Oi tudo bem meu nome é Gustavo, tudo bem?” isso é fácil, mas querer manter contato e continuar junto com a pessoa é difícil, exige um pouco que a pessoa vá atrás de mim e aí se estabelece um pouco de contato.”* Ele passa a explicar um pouco mais como ele acredita que o bullying o afetou nesse caso, *“...eu acho que é bem essa questão de conversar com as pessoas, de saber criar intimidade, é mais isso. Não só de relacionamento amoroso, mas qualquer tipo de relacionamento.”* Perguntou-se para Gustavo porque incomoda ele não conseguir se comunicar direito com as pessoas, para qual ele respondeu *“Me incomoda, porque eu acho que eu seria uma pessoa bem mais feliz se eu soubesse me comunicar melhor com as pessoas, criar elos mais fortes. Eu de fato acho que seria uma pessoa mais alegre.”*

Fernando contou que mesmo após sair da escola ele não sabia como se comunicar, quando encontrava algum colega da escola e eles faziam alguma brincadeira. *“Eu tentava sair da situação de modo... eu meio que fazia uma birra de tão infantil que isso estava incrustado na minha cabeça e não sabia como... eu queria me livrar daquilo, aquilo é como se fosse uma doença.”* Ainda sobre o mesmo assunto ele fala, *“E aí eu não sei lidar com isso de novo entendeu? Aí eu tomo atitudes desesperadas, não lembro qual atitudes foram, mas foram atitudes grosseiras, deixar de falar com todo mundo, fazer um alarde. Atitudes infantis de certo modo entendeu?”* Isso o incomodava, pois ele não era mais um adolescente e sentia que ainda estava agindo como agia na escola.

Marina também relata como o bullying afeta o modo como se relaciona com as pessoas. *“Tendo a manter as pessoas numa distância confortável, ao ponto que as pessoas se abrem pra mim com certeza com plena confiança porque sabem eu ouço o problemas delas, mas é difícil pessoas com quem eu me abro.”* Ela explica porque ela mantém essa distância. *“A vulnerabilidade assusta muito as pessoas. Como eu disse eu sempre tive uma regra em relação a mim em reação ao bullying, nunca deixe eles verem o efeito do que eles estão fazendo tem em você. Não deixa ver, porque você se põe em uma posição vulnerável. A maioria dos relacionamentos não dão certo por causa disso sabia? Pessoas que não querem se abrir a outras, porque vulnerabilidade assusta. E eu acho que isso é uma coisa que me pegou muito. Tanto em questão de amizade quanto relacionamento.”*

Para Perera (1991) quem se identifica com o complexo do bode expiatório apresenta uma grande probabilidade de ter problemas em se vincular e de se sentir acolhido com segurança. Com medo de se machucar novamente, de ser novamente ferido com o material da sombra o indivíduo tem dificuldade de se envolver.

Nenhuma experiência pode ser vivida com profundidade ou algum relacionamento se desenvolver com o outro, pois o indivíduo identificado com o complexo do bode expiatório acredita que qualquer abertura o trará sofrimento.

Problemas de identidade

A terceira área que Perera (1991) acredita que o indivíduo poder ser afetado é na capacidade de autoafirmação, que é a defesa de sua própria identidade e opiniões.

Fernando na entrevista fala, *“Como eu citei eu tenho personalidade forte, e quando eu quero expor meu ponto eu consigo expor ele com força. Porém se alguém rebate meu ponto a forma a me desgastar, sou fraco em relação a isso. Essa fraqueza eu ligo, e várias fraquezas minhas, várias faltas de defesa eu ligo ao que eu tenha passado antigamente.”* Sua a personalidade é de alguém com uma personalidade forte, mas por carregar o complexo do bode expiatório ele apresenta uma dificuldade em si auto-afirmar e se defender. Para Perera (1991) o complexo se torna uma identidade pessoal, assim de início o indivíduo não consegue suportar uma confrontação.

É possível identificar na fala dos entrevistados, como eles percebem que o bullying moldou ou afetou de algum modo suas personalidades. Marcela diz, *“Eu precisava não existir, era assim que eu sobrevivi. Quando eu entrei na faculdade eu já não tinha mais eu. A minha vontade não existia, a minha autoestima não existia, então como é que você faz.”* Ela também conta que por causa do bullying o sentimento de humilhação se tornou parte de sua identidade.

Marina conta não tem a menor ideia de quem é, ela diz *“Eu brinco muitas vezes que não sou uma pessoa de verdade, sou um personagem, mas é que muitas vezes parece isso. Porque como eu tenho medo de ser julgada pelas pessoas, medo que... nossa senhora me trava as vezes, eu baseio muito o jeito que ajo em como as pessoas estão agindo comigo.”* Mais adiante ela diz, *“Eu não sei ser uma pessoa sem ser essa persona que eu construí, porque a persona que eu construí não se abala, a persona que eu construí não lida com os problemas da maneira que deveria com certeza, mas pelo menos não tem os problemas negativos tão óbvios e é muito mais confortável.”* Marina não quer entrar em contato com sua identidade de vítima, então prefere criar essa persona de pessoa que não se abala e que não sofre. Ela atribui essa falta de identidade ao bullying *“acho que minha personalidade inteira foi completamente afetada por isso, mas por quê?... isso acho que é culpa minha porque eu deixei afetar, mas é porque é a maneira que eu sou, eu nasci sim não pode me culpa por isso, vitimíssimo.”*

Fernando diferente da Marina, não sente uma falta de identidade, mas sim uma aceitação. *“Não acho que tenho que desenvolver, mas aceitar que eu tenho ela. É uma questão de aceitação. eu preciso me aceitar, porque tantas pessoas falaram mal de mim durante minha vida, no bullying, que acabei aceitando as pessoas e não em aceitando mais.”*

Gustavo parece não ter problemas com sua identidade, entretanto, o bullying parece intensificado uma característica dela, que ele se incomoda. *“costumo começar um relacionamento com um pé atrás do tipo, quem é essa pessoa, deixa eu analisar antes de cair de cabeça e eu sempre fui assim, desde bebê, mas eu percebi uma diferenciação depois do bullying, eu não acho que isso surgiu por causa do bullying, eu só acho que foi intensificado por questão do bullying, foi basicamente isso, eu sou uma pessoa com essa barreira mental, eu tenho um pouco essa barreira, só acho que ela se fortificou mais. Eu acho que eu sou mais receoso.”*

Para Perera (1991) o adulto identificado com o bode expiatório tem uma inabilidade de conseguir desenvolver uma autoconfiança, pois ele é sobrecarregado desde muito pequeno com elementos desvalorizados, negativos e reprimidos e dissociados pelos pais, que no primeiro momento representam o coletivo.

No caso do bullying quem representa esse coletivo não são os pais e sim os colegas. Desde que começaram a sofrer bullying os participantes foram sobrecarregados com esses elementos negativos de desvalorização e de não aceitação. Assim se identificando com a imagem que os agressores criavam deles e assim perdendo ou não conseguindo se identificar ou aceitar com sua própria identidade

Nos casos dos participantes eles se identificam com o complexo do bode expiatório (que é a sombra do outro projetada) assim não se identificam com sua própria sombra e persona levando a ter essa falta de identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi identificar os possíveis efeitos de longo prazo que os participantes atribuíram ao bullying.

No relato dos sujeitos entrevistados, o bullying mostra afetar uns mais que os outros, todavia o sofrimento não é algo que pode ser comparado, então não se pode dizer que um sofreu mais que o outro. O sofrimento em relação ao bullying sofrido em alguns aspectos foi diminuindo ao passar dos anos, entretanto ainda há sofrimento presente. Não é possível determinar se os efeitos presentes hoje irão passar com o passar do ano, ou se continuarão.

Por meio da perspectiva da psicologia analítica foi possível notar que o bode expiatório foi um complexo percebido nos quatro integrantes e a identidade com a vítima também.

Foi possível ver também efeitos identificados em outras pesquisas nesta pesquisa, como sentimento de raiva, pensamentos suicidas, problemas de internalização e transtorno de ansiedade ou transtorno de depressão, baixo rendimento na escola e uma maior dificuldade na adaptação da vida adulta.

Pode-se concluir que o bullying afetou os participantes em diferentes graus e modos, porém quase todos tiveram algo em comum como, por exemplo, problemas em se relacionar com o outro, baixa autoestima, insegurança e problemas de identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTINO, S. M. B. et al. **Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 463-475, Mar. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000300463&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Dec. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00036114>.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **BULLYING**, Michaelis On-line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Vxme>> Acesso em: 09 out 2016.

COWAN, L. C. **A Vítima**. In: DOWNING, C. (org.) Espelhos do Self: As Imagens Arquetípicas que Moldam sua Vida. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 144 - 150.

DE MORAES BANDEIRA, C. HUTZ, C. S. **As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010.

FRASER-THILL, R. **Understanding the Short-Term Effects of Bullying: Recognize and Cope with Bullying**. 2017. Disponível em: <<https://www.verywell.com/the-short-term-effects-of-bullying-3288473>>. Acesso em: 04 out. 2017.

OLIVEIRA, W. A. de et al. **The causes of bullying: results from the National Survey of School Health (PeNSE).** **Rev. Latino-Am.** Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 275-282, Apr. 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692015000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 02 May 2017. Epub Apr 14, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.0022.2552>

OLSEN, B. **O vínculo agressor/vítima em casos de bullying sob a perspectiva da psicologia analítica.** 2016. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Psicologia Clínica, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <[http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48223/R_D - BARBARA OLSEN.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48223/R_D_BARBARA_OLSEN.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 25 nov. 2017.

PERERA, S. B. **O Complexo de Bode Expiatório.** São Paulo: Cultrix, 1991.

WOLKE, D. LEREYA, S. T. **Long-term effect of bullying.** **Archives in disease in childhood**, v. 100, n. 9, p. 879-885, 2015 Available from <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4552909/pdf/archdischild-2014-306667.pdf>> access on: 25 Sep 2017 . <https://dx.doi.org/10.1136%2Farchdischild-2014-306667>

YOUNG-EISENDRATH, P. D. T. **Manual de Cambridge Para Estudos Junguianos.** Porto Alegre: Artmed 2002.

ZEQUINAO, M. A. et al. **Bullying escolar: um fenômeno multifacetado.** **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 42, n. 1, p. 181-198, Mar. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000100181&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>